

O LÉXICO, A SOCIEDADE E OS TERMOS DA MODA NA BELLE ÉPOQUE FRANCESA RAP E O TRANSATLÂNTICO: POÉTICAS DE IDENTIDADE

Ingrid Oliveira Santos Silva
(UFBA- Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Ingrid Oliveira Santos Silva é Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (Francês) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É Mestra em Língua e Cultura pelo PPGLinC - UFBA e doutoranda pelo mesmo programa de pós-graduação. Email: ingrid.oliveirass@hotmail.com

RESUMO	ABSTRACT
A <i>Belle Époque</i> francesa (1890-1914) foi marcada, entre outros fatores, pela fama conquistada pela França como centro da cultura ocidental. Paris foi o epicentro de inovações diversas, sendo considerada como um modelo a ser seguido. Parte de sua influência ficou registrada através da vasta terminologia ligada à moda, mais precisamente ao vestuário. Em um momento em que as mulheres francesas davam seus primeiros passos em direção à emancipação, os termos relativos às suas roupas e aos acessórios são peças importantes dentro da história da língua e da sua sociedade. Levando em conta os aspectos inerentes à língua, como a mudança linguística e os estudos realizados por Bouverot (1999), Finatto e Krieger (2004), Cabré (2005), Dury (2013) e Krieger 2013, este artigo tem por objetivo apresentar um recorte da terminologia da moda francesa empregada entre 1903-1914. A partir dos termos selecionados nos periódicos <i>Le Figaro-Modes</i> , <i>Les modes</i> e <i>Femina</i> , mostra-se não só a sua definição no período mencionado, mas abre-se espaço também para observação de tais termos no século XXI.	French Belle Epoque (1890-1914) was marked, among other factors, by the fame conquered by France as western centre of culture. Paris was the epicentre for varied innovations, being considered as a model to be followed. Part of its influence was registered through extensive terminology related to fashion, more precisely to clothing. On a moment in which french women gave theirs first steps towards emancipation, the terms related to their clothing and accessories are important pieces in language history and its society. Taking in account inherent aspects of language, such as language changings and studies from Cabré (1995), Bouverot (1999), Finatto e Krieger (2004), Dury (2013) e Krieger (2013), this article has as a goal to present a section of French's fashion terminology used between 1903-1914. From the terms selected in the periodics <i>Le-Figaro Modes</i> , <i>Les Modes</i> and <i>Femina</i> , it is shown not only the definitions in the selected period are shown, but also space is opened up to observation of the use of such terms in the 21st century.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Terminologia; Moda; Vestuário; Belle Époque; Língua Francesa.	Terminology; Fashion; Clothing; Belle Époque; French Language.

INTRODUÇÃO

Apesar de ser considerada por muitos como algo supérfluo, é inegável a influência que a roupa da moda possui no mundo ocidental. Seja em capas de revista ou na *timeline* das redes sociais, as tendências criadas a cada nova estação são temas de debates acalorados, tanto por parte dos amantes da moda, quanto por aqueles que a rejeitam. Entende-se aqui como moda, o fenômeno histórico e social, surgido no Ocidente, mais precisamente na Europa, no final da Idade Média. Estando atrelada à ideia do novo, a moda não comporta um objeto de estudo específico. Contudo, segundo Calanca (2011):

[...] Ainda que estejam envolvidos diversos âmbitos da vida coletiva, historicamente, o modo de proceder da moda exprimiu-se mais claramente na esfera das roupas e do modo de vestir, setores que podem ser considerados, por sua vez, como o teatro das novidades mais espetaculares. [...] Como objeto de pesquisa, de fato, a indumentária é um fenômeno completo porque, além propiciar [sic] um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valência de linguagem na acepção de sistema de comunicação, isto é, um sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele (CALANCA, 2011, p. 16).

A roupa expõe o corpo a uma transformação constante, estruturando em signos, isto é, em cultura, aquilo que o mundo natural possui apenas potencialmente. Ainda que não pensemos nisso, quando nos vestimos trabalhamos sobre a natureza. A roupa, portanto, pode ser definida como a forma do corpo revestido e, a partir dessa definição, a moda, por sua vez, pode ser definida como uma linguagem do corpo (CALANCA, 2011, p. 19).

Desde o século XVII, a França tem sido um dos principais centros influenciadores do modo de se vestir. A princípio, o seguir a moda era restrito à aristocracia. Além da questão econômica – quanto mais luxuoso, mais caro é o tecido –, uma série de editos assinados pelo rei indicavam quem, dentro das hierarquias vigentes, poderia ou não usar uma determinada cor ou peça (BOUCHER, 2010). A democratização da moda na França ocorreu aos poucos e ganhou força somente a partir dos anos 1840 (LAPORTE; WAQUET, 2014). Entre o final do século XIX e o início do século XX:

Os ditames da moda eram rigidamente seguidos; afastar-se da norma era arriscar-se ao ridículo social. [...] Para os que tinham consciência de estilo [...], Paris continuava a ser o lar incontestável da alta moda. Uma etiqueta de Paris era o endosso definitivo, estabelecendo seu proprietário como árbitro do bom gosto e membro dos escalões superiores da moda (MENDES; HAYE, 2009, p. 1)

As novidades do vestuário¹ parisiense tinham como uma das fontes de divulgação as revistas especializadas em moda, a exemplo da *Les Modes* e a *Femina*². Além das novas tendências, tais periódicos fornecem informações diversas sobre o momento histórico, a sociedade francesa e sua cultura. A descoberta de tais dados pode ser feita tanto através das imagens quanto dos textos.

Apesar das imagens (fotografias ou desenhos) já apresentarem uma boa qualidade para a época, é por meio do texto e dos termos da moda empregados que se tem justamente uma maior precisão sobre o período. As imagens, por melhores que sejam, não são capazes de indicar o material com o qual uma peça foi composta, a precisão do corte ou da cor. Dessa forma, o estudo da terminologia da moda desempenha um papel importante: a presença dos termos técnicos possibilita um olhar mais apurado sobre o processo de costura e uso das roupas no início do século. É um registro dos pensamentos e das tecnologias existentes na época e que ajuda a contar uma parte da história francesa.

Visando apresentar aqui um pequeno recorte dos termos da moda do início do século XX, além da presente introdução, este artigo será composto das seguintes seções: *A Belle Époque francesa e a moda feminina* traz um panorama geral da França, do papel da mulher e de suas roupas em tal período; a seção seguinte, *A Terminologia e a moda*, relaciona os estudos terminológicos e a moda. Para tal, têm-se como base os estudos realizados por Bouverot (1999), Finatto e Krieger (2004), Cabré (2005), Dury (2013) e Krieger 2013. Dentro de tal seção, são apresentados também os termos da moda vistos em revistas de moda francesa, suas respectivas definições na época e um breve olhar para a realidade dos mesmos no início do século XXI. A última seção será reservada para as considerações finais, sendo seguida das referências utilizadas.

1 A BELLE ÉPOQUE FRANCESA E A MODA FEMININA

Entre o final do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tem-se na França o período conhecido como *Belle Époque*, marcado pela estabilidade política e pela prosperidade econômica impulsionada pela Revolução Industrial, que ganhou força na França a partir dos anos 1840 (BERSTEIN; MILZA, 2009). Diante dos avanços científicos e tecnológicos, distâncias são reduzidas e a comunicação se dá de forma mais ágil. Segundo Bruneau (1970):

A Paris, le Métro et les autobus feront peu à peu disparaître les bateaux-mouches

¹ Entende-se aqui a roupa como sendo aquilo se usa para cobrir o corpo, seja para proteger o corpo, seja para realçar a beleza. O vestuário vem a ser o conjunto de roupas e acessórios usados por alguém (HOUAISS, 2010; BOUCHER, 2010).

² A revista *Les Modes* foi uma publicação mensal francesa, voltada para o público feminino, e tendo a moda como sua principal temática. A revista *Femina* seguia a mesma temática e público sendo publicada quinzenalmente.

(inaugurés en 1867) et les tramways (inaugurés en 1875). [...] L'agglomération parisienne [...] dépasse les limites du département de la Seine. Les trains, rapides et confortables, permettent aux provinciaux de se rendre régulièrement à Paris pour leurs affaires [...] (BRUNEAU, 1970, p.283)³.

A capital francesa, já bastante urbanizada após as reformas produzidas por Hausmann⁴, viu sua oferta cultural crescer ainda mais diante das novas avenidas espaçosas e da recente iluminação elétrica. Entre teatros, cafés e o recém inventado cinema, os residentes da Cidade Luz iam cada vez mais às ruas. Se antes o principal palco da moda eram os palácios frequentados pela corte, as novas avenidas e espaços públicos passaram então a influenciar e a transformar também a forma de se vestir. Paris, capital política e econômica da França, tornou-se então a “capital do mundo ocidental” (VIALA, 2017).

Desde o final do século XIX, já existia na França um tímido movimento de emancipação feminina. A lei da educação obrigatória de 1882 passou a permitir, mesmo que em número pequeno, o acesso das meninas à educação primária formal gratuita e laica (DUBY; PERROT, 2018 [1993]). No ano anterior, a criação da *École supérieure de Sèvres* tornou-se o primeiro centro voltado para a formação das futuras professoras (WINOCK, 2003). Apesar do público feminino nas escolas ser inferior ao masculino, e do conteúdo proposto não ser necessariamente o mesmo, o acesso à escolarização marcou o início de um processo de independência para as mulheres francesas.

Até então, as associações de caridade e os espaços religiosos eram os principais motivos para as saídas do espaço doméstico. No caso de Paris, além do fator educacional já citado, as reformas urbanas passaram a proporcionar novos espaços de circulação feminina. As ruas, já melhor iluminadas e com uma boa estrutura para o caminhar, tornavam-se cada vez mais atrativas.

Um outro fator que influenciou as mulheres a saírem com maior frequência foi o surgimento das lojas de departamento (os *grands magasins*). No decorrer dos séculos anteriores, as compras eram realizadas com pequenos comerciantes, com lojas diferentes para cada produto (a loja de malhas, a loja de chapéus, a loja de calçados etc.) (ROCHE, 2007). Com esse novo modelo de comércio, tais peças eram encontradas todas em um só espaço, muitas vezes já prontas, sem a necessidade de negociar o tipo de material ou o preço. Dessa forma, entende-se que:

³ “Em Paris, o metrô e os ônibus farão desaparecer, pouco a pouco, os *bateaux-mouches* (inaugurados em 1867) e os bondes (inaugurados em 1875). [...] A aglomeração parisiense [...] ultrapassa os limites da região administrativa do Sena. Os trens, rápidos e confortáveis, permitem que os moradores das demais cidades da França se desloquem regularmente a Paris para os seus negócios” (tradução nossa).

⁴ Georges-Eugène Hausmann, prefeito de Paris entre 1853 e 1870, responsável por conduzir a reforma da cidade, que visava apagar os antigos vestígios da era medieval, dando assim espaço para criação de um novo projeto urbano para Paris. Seu projeto, apesar de ter mantido alguns monumentos mais antigos, marcou a entrada da capital francesa no hall das cidades modernas (BENEVOLO, 2011).

La dimension du magasin et sa multitude d'employés rendirent donc possible de regrouper une profusion d'articles, et transformèrent la signification du désir et de l'achat de ces objets. Ces mêmes forces qui bureaucratisèrent le travail de vente façonnèrent une nouvelle arène publique anonyme, où des femmes respectables pouvaient s'aventurer en toute sécurité afin de se livrer à la tâche de créer un style de vie pour leurs familles, pour leurs foyers et pour elles-mêmes (CHANEY, 1996, p. 86)⁵.

Para dar conta da quantidade de trabalho existente em tais espaços, uma leva de jovens mulheres passaram a ser empregadas nas grandes lojas. Trabalhavam tanto na linha de frente (vendedoras, balconistas, nos caixas), quanto em funções de cunho mais administrativo (datilógrafas e secretárias) (BEAU, 2006).

Com as mulheres saindo do ambiente domiciliar, fosse por motivo profissional ou por lazer, a roupa foi se adaptando à nova realidade. As mangas bufantes e as saias cheias de armações e que se arrastavam pelo chão não eram nada práticas para a circulação nas ruas e, aos poucos, foram perdendo espaço para peças mais simples, que facilitassem o uso no dia a dia.

Estando mais expostas, as questões do vestuário e da moda ganharam ainda mais força. Neste contexto, a imprensa foi a principal responsável por indicar o que vestir, quem e quando podia vestir uma determinada peça de roupa. As *élégantes*, ao pensarem na roupa de um dia comum, tinham em mente que: durante o dia, as saias, blusas e vestidos deviam cobrir todo o corpo, com a gola da blusa alta, escondendo o pescoço, mangas longas e as saias próximas ao chão; as roupas usadas no período da noite podiam expor de forma mais aceitável algumas partes do corpo (LAVÉR, 1996).

As colunistas de moda funcionavam como conselheiras, indicando o que era ou não tendência, quais tecidos, cores e materiais deveriam ser usados. Se Paris era a capital do Ocidente, a mulher parisiense era o principal modelo a ser seguido. Era ela quem ditava moda, como mostram alguns trechos publicados entre 1903-1908:

- *“Les épaules sont encadrées d'un fichu de mousseline[...], laissant le cou et la naissance des épaules à découvert, et que retiennent deux vieux boutons « miniatures ». Manches mi-longues avec sabots de dentelle. Elle est, ainsi, toute parisienne, c'est-à-dire « charmante » ”* (LE FIGARO-MODES, n. 6, 1903)⁶.

- *“[...] robe de gaze de soie ciel transparentée de jaune; grands motifs incrustés de dentelle*

⁵ “O tamanho da loja e a multidão de funcionários tornaram possível agrupar uma profusão de itens, e transformaram o sentido do desejo e da compra dos mesmos. Essas mesmas forças que burocratizaram o trabalho de vendas formaram uma nova arena pública anônima, onde mulheres respeitáveis podiam aventurar-se com segurança na tarefa de criar um estilo de vida para suas famílias, suas casas e para si mesmas” (tradução nossa).

⁶ “Os ombros são emoldurados por um fichu de mousseline [...], deixando o pescoço e o início dos ombros expostos, e presos por dois velhos botões "em miniatura". Mangas de comprimento médio com sabots de renda. Ela é, portanto, toda parisiense, ou seja, 'charmosa'” (tradução nossa).

d'or formant couronne au bas de la jupe ourlée de dentelle, et boléro en même dentelle, terminé par des glands de passementerie sous lesquels se devine la finesse de la taille, soulignée d'une ceinture ciel: un poème de tonalités et de lignes, la réalisation de ce rêve éternellement renouvelé, l'élégance de la Parisienne " (LES MODES, n. 64, 1906)⁷.

•“On s'habille pour les bridges de cinq heures, on s'habille... presque autant qu'on le fait à la scène, car je n'apprendrai point à mes lectrices parisiennes que, si le théâtre est notre grande école d'élégance, il est moins exact dans l'opportunité de cette élégance” (LES MODES, n. 87, 1908)⁸.

Apesar da presença de fotografias nas revistas, o registro do que estava ou não na moda é descoberto principalmente através do léxico presente nos textos. É a informação mais técnica que evita a troca entre uma *chemise* (camisa íntima) e uma *chemisette* (peça usada para cobrir decotes); entre uma *jupe* (saia), uma *culotte* (modelo de calça) e uma *jupe-culotte* (saia-calça); entre o *béret* (boína) e a *casquette* (boné), e insere tais peças dentro de categorias específicas de uso.

De modo geral, pode-se pensar, a princípio, em três grandes grupos que compõem o vestuário da moda: as roupas de cima, as peças de uso externo, por assim dizer; as roupas de baixo ou roupa íntima, aquelas que tem contato direto com a pele e são usadas, em geral, por baixo de uma outra peça de roupa; e os acessórios. Somado a tais grupos, têm-se uma infinidade de outros dados relativos aos estilos, silhuetas e técnicas de confecção que formam a terminologia da moda, assunto da próxima seção.

2 A TERMINOLOGIA E A MODA

É sabido que através das palavras é possível acessar uma série de informações acerca dos seus falantes e do contexto que os cercam. Por ser muitas vezes a porta de entrada para uma língua, o léxico traz consigo todo um código sócio-histórico-cultural, mostrando as visões de mundo, os valores existentes em um grupo e a sua história (ARAGÃO, 2016; ISQUERDO; OLIVEIRA, 2001).

Entre as áreas de estudo do léxico, a Terminologia⁹ é a disciplina encarregada pelo estudo dos termos técnicos científicos usados dentro de uma determinada área de conhecimento. Segundo Finatto e Krieger (2004), do ponto de vista do seu funcionamento,

⁷ “[...] vestido de gaze de seda transparente com amarelo; grandes padrões incrustados de renda dourada formando uma coroa na parte inferior da saia com bainha de renda e bolero na mesma renda, terminando com borlas de enfeites sob as quais se pode adivinhar a delicadeza do tamanho, sublinhada por um cinto azul celeste: *um poema de tons e linhas, a realização desse sonho eternamente renovado, a elegância da Parisiense*” (tradução nossa).

⁸ “Vestimos para as sessões de bridge das 17h, vestimos... quase tanto como se estivéssemos no palco, assim, *direi as minhas leitoras parisienses* que, se o teatro for a nossa grande escola de elegância, é menos preciso na construção dessa elegância” (tradução nossa).

⁹ Assume-se aqui que A Terminologia com <T> indica a área de conhecimento científica que estudos os termos técnicos de uma dada área de conhecimento (a terminologia da Linguística, da Medicina etc.). Já a *terminologia* com <t> vem a ser o conjunto de termos empregados em um campo de conhecimento.

o termo não se diferencia da palavra, de modo que “o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que o integra a um determinado campo de especialidade” (FINATTO; KRIEGER, 2004, p. 78).

Até os anos 1970, a Terminologia tinha como objetivo o máximo de padronização dos termos técnicos-científicos, colocando os termos como elementos isolados da língua geral. Em seus estudos, Coseriu, por exemplo, indicava que o primeiro passo para a delimitação do léxico seria distinguir os itens lexicais da língua geral, de uso cotidiano, das terminologias. Dentro de tal contexto, fenômenos como a polissemia, a sinonímia, a variação e a mudança linguística não seriam aplicáveis aos estudos dos termos.

Contudo, a partir dos anos 1980, um novo olhar para os estudos terminológicos, passou a perceber que as unidades standardizadas não seriam uma língua a parte, mas, sim, uma outra parte dessa língua geral. Segundo Dury (2013), “les termes spécialisés, loin d’être figés, sont constamment en mouvement”¹⁰. Sabe-se que a mudança linguística é observada em todas as partes da língua (aspectos sintáticos, lexicais morfológicos etc.) e “está associada ao funcionamento das línguas, ou em outras palavras, é um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas” (MARTELOTTA, 2011, p. 27).

Sendo agora os termos reconhecidos como unidades pertencentes à língua geral, e levando em conta que as terminologias acompanham principalmente as transformações tecnológicas, enxergar a mudança no âmbito terminológico proporciona não só um enriquecimento no âmbito linguístico, como também possibilita uma maior compreensão dos processos e caminhos que culminaram em sua forma/definição mais atual.

Conhecer o contexto de uso é fundamental dentro dos estudos terminológicos. Na concepção, seguindo as ideias da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 2005), o texto, aqui mais precisamente o texto especializado é o “habitat natural dos termos” (KRIEGER, 2013, p. 25).

As revistas especializadas em moda são consideradas como as principais fontes para dados técnicos sobre as roupas e acessórios usados em uma determinada época (BARTHES, 2009; BOUVEROT, 1999). Contudo, por ser um campo bastante amplo, o trabalho com os termos da moda pode apresentar alguns obstáculos conforme recua-se no tempo. Segundo Boucher (2010):

O vocabulário do vestuário complica sensivelmente seu estudo, tanto por sua mobilidade quanto por sua variedade – esta ainda maior em francês do que em qualquer outra língua; daí a origem de numerosos erros. A própria palavra francesa *costume*, no sentido que lhe damos hoje, só é empregada a partir de meados do século XVIII. Introduzida apenas sob Luís XIII, conservava a

¹⁰ “[...] os termos especializados, longe de serem fixos, estão em constante movimento” (tradução nossa).

pronuncia italiana *costumé* e significava uso ou maneira de ser. Logo essa palavra assimilada há apenas duzentos anos, é hoje paradoxalmente aplicada a uma história anterior a ela em vários milênios. A significação de determinados termos varia igualmente no tempo: *robe* na Idade Média e *habit* no século XVII aplicavam-se a conjuntos e não a peças de vestuário distintas. Mais que isso, algumas roupas mudavam de nome de uma época para outra, embora suas formas pouco tenham se modificado [...]. Ao contrário, um mesmo nome aplica-se a roupas absolutamente diferentes, segundo as épocas [...] (BOUCHER 2010, p. 10)

Um outro detalhe interessante é que da mesma forma que as roupas e acessórios entram e saem de moda, os termos usados pelos jornalistas especializados na área podem seguir o mesmo caminho (WOODCOCK, 2015; BOUVEROT, 1999). Alguns termos muito específicos podem acabar se perdendo diante da dificuldade de maiores informações acerca da época.

Tendo em vista o espaço deste artigo, fez-se uma pequena seleção de termos relativos ao vestuário da *Belle Époque*. Ao longo da próxima seção, além de apresentar o conceito existente na época, far-se-á, sempre que possível, uma espécie de atualização, mostrando quais termos ainda mantêm o mesmo conceito e quais os que mudaram.

2.1 TECENDO ALGUNS DADOS SOBRE OS TERMOS DA MODA (1903-1914)

Os termos apresentados a seguir foram selecionados após a leitura de colunas de moda das revistas *Le Figaro-Modes* (1903-1905); *Les modes* (1906-1910); *Femina* (1911-1914). A escolha de tais periódicos deu-se principalmente pela dificuldade em encontrar publicações completas dentro do período estudado (1903-1914). O material encontra-se disponível de forma digitalizada e gratuita no site da Biblioteca Nacional da França¹¹.

Levando em consideração que nem tudo o que aparece nas colunas de moda compõe de fato a terminologia da área, os termos foram selecionados de acordo com a sua pertinência para a área, critério essencial para a Terminologia (FINATTO; KRIEGER, 2004). Para uma melhor compreensão, cada termo estará inserido dentro de um dos três grupos a seguir: roupas de cima; roupas íntimas e acessórios.

Seguindo a proposta elaborada por Finatto, Krieger e Maciel (2001), as definições vistas aqui foram, em sua grande maioria, retiradas de forma integral de uma obra bibliográfica (em especial, dicionários terminológicos de moda), com alguns casos tendo sido compostos de autoria própria. Logo após a definição, serão informadas as respectivas referências. Todos os termos também serão acompanhados por abonações¹².

¹¹ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/presse-et-revues/presse-de-mode?mode>

¹² Nas referências das abonações, as siglas LFM e LM representam respectivamente *Le Figaro-Modes* e *Les Modes*

Acredita-se aqui que tais excertos podem favorecer uma melhor compreensão já que se encontram em um contexto real de uso.

2.1.1 AS ROUPAS DE CIMA: A CAMADA EXTERNA DAS ROUPAS FEMININAS UTILIZADAS NA *BELLE ÉPOQUE*

BLOUSE: Peça feminina para parte superior do corpo que é “solta, de mangas curtas ou compridas, frequentemente confeccionadas em algodão, linho, cambraia ou seda, é tradicionalmente usada com a barra para dentro da saia” (CALLAN, 2010, p. 48).

[...] une haute ceinture composée de biais de taffetas noir et orange qui enserre une blouse de guipure d'Irlande [...] (LFM, n. 18, 1904)¹³.

COSTUME TAILLEUR: “Conjunto para mulher composto de uma saia e um paletó, de corte masculino, importado da Inglaterra em c. 1888” (BOUCHER, 2010, p. 462).

Un autre costume tailleur très chic est en serge bleue [...] (LFM, n. 09, 1903)¹⁴.

Figura 1 : Modelo de *costume tailleur*



Fonte: LES MODES, n. 69, 1906

GUIMPE: “Pala ou blusa de renda ou tela, muitas vezes bordada e com gola em pé. Usava-se no início do século XX como um adereço em vestidos decotado” (NEWMANN, 2011, p. 89).

¹³ “[...] um cinto alto composto de viés de tafetá preto e laranja que envolve uma blusa de guipir da Irlanda” (tradução nossa).

¹⁴ “Um outro *tailleur* bem chique é de sarja azul [...]

'[...] une *guimpe* presque montante en tulle illusion [...]' (LM, n. 64, 1906)¹⁵.

Figura 2: Modelo de *guimpe*



Fonte: BON MARCHÉ, 1909, p. 62

JUPE-CULOTTE: Segundo a revista *Femina* n. 243 (1911, p. 130), tal peça vinha a ser um modelo de saia que podia ser confeccionado de três formas: a primeira possibilidade indica que o tecido se encontraria « enrolado » nas pernas dando um aspecto de calça; na segunda, usava-se uma calça (uma *culotte* ou um *pantalon*, talvez) até a altura dos tornozelos coberta por uma espécie de túnica; na terceira a saia teria um grande plissado na cintura, sendo moldado nas pernas formando um avental justo.

'Et maintenant, abordons la question brûlante qui est dans toutes les bouches, l'interrogation que je lis sur tous les yeux: Que pensez-vous de la *jupe-culotte*?' (FEMINA, n. 243, 1911)¹⁶.

MANTELET: "Foi uma pequena vestimenta curta, de mulher, originalmente, sempre dotado de um *coqueluchon* [capuz], cujas formas variaram ao infinito ao longo do século XIX" (BOUCHER, 2010, p. 466).

'Ainsi, avec les robes qui ne comportent pas de *jaquette*, on fait des espèces de petits fichus, je dirais *mantelets* si le mot n'était affreusement désuet [...]' (LM, n. 114, 1910)¹⁷.

2.1.2 O CONJUNTO DE ROUPAS ÍNTIMAS

CACHE-CORSET: "Peça de lingerie leve que cobre o busto e tem por objetivo proteger o espartilho" (TLFi, 2020 [1971-1994])¹⁸.

¹⁵ "[...] uma *guimpe* alta em tule *illusion* [...]" (tradução nossa).

¹⁶ "E agora, tratemos da questão polêmica que está em todas as conversas, a pergunta que eu leio nos olhos de vocês: O que acham da saia-calça?" (tradução nossa).

¹⁷ "Assim, com vestidos que não comportam uma jaqueta, faz-se uma espécie de fichu, eu diria mantelete, se a palavra não estivesse tão em desuso" (tradução nossa).

¹⁸ A sigla TLFi significa *Trésor de la Langue Française informatisé* e vem a ser a versão digital do dicionário *Trésor de la Langue française* produzido entre 1971-1994. A versão digital mantém o mesmo texto da versão anteriormente impressa. Informações retiradas do site do TLFi).

‘Toutes les femmes de goût et toutes les élégantes distinguées ont un faible pour le luxe du linge. [...] Le seul plaisir de voir, dans son armoire, bien rangée et parfumée, les piles de chemises, cache-corset, jupons, pantalons, etc., [...]’ (FEMINA, n. 268, 1912)¹⁹.

Figura 4: Cache-corset



Fonte: BOM MARCHÉ (1911, p. 61)

CHEMISE: “Roupa de baixo feminina, em geral de linho, que cai solta a partir dos ombros e pode apresentar diversos comprimentos e mangas curtas ou compridas. Serve prioritariamente para proteger as roupas do suor e da gordura corporal e pode ser vista como precursora da camisa” (NEWMANN, 2011, p. 50-51).

‘Toutes les femmes de goût et toutes les élégantes distinguées ont un faible pour le luxe du linge. [...] Le seul plaisir de voir, dans son armoire, bien rangée et parfumée, les piles de chemises, cache-corset, jupons, pantalons, etc., [...]’ (FEMINA, n. 268, 1912)²⁰.

Figura 5 : Modelos de chemise



Fonte: BON MARCHÉ (1911, p. 61)

¹⁹ “Todas as mulheres de bom gosto e todas as mulheres de distinta elegância têm uma queda pelo luxo da roupa íntima. O prazer único de ver em seu armário, bem organizado e perfumado as pilhas de camisas íntimas, *cache-corset*, anáguas, *pantalons* etc., alinhadas, adornadas com fitas, cheias de rendas, vale o esforço para chegar a esse resultado” (tradução nossa).

²⁰ Ver nota 18.

PANTALON: Calça comprida feitas, em geral de linho ou algodão, usadas por baixo da saia. Em geral, iam até os tornozelos. Foram bastante populares enquanto peça de roupa íntima desde o século XIX. A princípio, eram largas e folgadas, porém no início do século XX já apresentam uma forma mais ajustada ao corpo .

'Le pantalon accentue sa forme ajustée rappelant plutôt la culotte [...]' (FEMINA, n. 268, 1912²¹).

PEIGNOIR: “Do francês *peigner* “pentear”, o penhoar data o século XVI. É usado no quarto pelas mulheres antes de se vestirem. Sempre foi uma peça solta, às vezes usada com uma bata por baixo, tendo mangas compridas ou curtas e, geralmente, chegando aos tornozelos. No século XIX o penhoar costumava ser feito de algodão ou outros tecidos leves, adornados com rendas e fitas” (CALLAN, 2010, p. 245).

'Le peignoir est devenu, depuis quelques années, beaucoup plus coquet et beaucoup plus varié [...]' (FEMINA, n. 322, 1914)²².

SOUTIEN-GORGE: “Roupa íntima feminina usada para cobrir e segurar os seios, além de lhes dar contorno. Em geral compreende duas taças unidas por um painel central e fixadas por tiras nos ombros [...]. Embora as mulheres cretenses já usassem vestes similares em 2.500 a.C, a forma atual do sutiã data do final do século XIX e do início do século XX, quando ele foi introduzido como alternativa do espartilho” (NEWMANN, 2011, p. 175).

'La forme très basse du corset nous incite à porter le cache-corset soutien-gorge.' (FEMINA, n. 268, 1912)²³.

2.1.3 OS ACESSÓRIOS

BERGÈRE: “Chapéu de palha de copa baixa e abas largas que foi popular no século XVIII e voltou a moda na década de 1860. Foi associado à moda pastoril do final do século XIX” (CALLAN, 2010, p. 41).

'Grande bergère de paille brique claire [...]' (LFM, n. 16, 1904)²⁴.

CAPOTE: “Desde o final do século XVIII, toucado de mulher cujas duas características eram envolver o coque e ter uma aba larga emoldurando o rosto” (BOUCHER, 2010, p. 459).

²¹ “O *pantalon* acentua a sua forma ajustada lembrando a *culotte*” (tradução nossa).

²² “O penhoar se tornou, há alguns anos, muito mais charmoso e com muito mais opções” tradução nossa).

²³ “A forma muito baixa do espartilho nos leva a usar o *cache-corset* como sutiã” (tradução nossa).

²⁴ “Grande *bergère* em palha cor de tijolo claro” (tradução nossa).

'Dans le domaine des chapeaux, le cabriolet, la capote [...] sont dernier cri' (LM, n. 102, 1909)²⁵.

Figura 6 : Modelo de capote



Fonte: MUSÉE DES CHAPEAUX (2020)

ÉCHARPE: “Pedaço de tecido usado ao redor do pescoço, dos ombros, e às vezes da cabeça para aquecimento, enfeite, por motivos religiosos ou para manter os cabelos limpos e ajeitados. Em geral longas e estreitas, embora haja versões quadradas ou triangulares, as echarpes podem ser lisas ou estampadas, leves ou pesadas. Podem ainda ser tricotadas, tecidas, de crochê ou feltro, a partir de diversas fibras” (NEWMANN, 2011, p. 69).

'Juin est l'époque par excellence de la vie extérieure [...]. On s'enveloppe d'écharpes, les robes se voilent et drapent en [...] fichus [...]' (LFM, n. 06, 1903)²⁶.

Figura 7 : Modelo de écharpe



Fonte: BON MARCHÉ (1909, p. 58)

SCARF: “Echarpe longa e estreita, de lã ou outro tecido mole, que se usa ao redor do pescoço para se proteger do frio ou por motivos estéticos” (NEWMANN, 2011, p. 37).

²⁵ “Em se tratando dos chapéus, o *cabriolet*, a *capote* são o último grito da moda” (tradução nossa).

²⁶ “Junho é a época por excelência da vida ao ar livre [...]. Nos envolvemos em echarpes, os vestidos são cobertos e drapeados em fichus bem ajustados” (tradução nossa).

[...] *la cravate-écharpe en velours [...], longue comme les scarfs en satin noir et blanc [...]*' (LM, n. 120, 1910)²⁷.

TURBAN: “Termo genérico para um toucado que se enrola na cabeça [...] podendo ser feito de vários formatos, cores e tamanhos. Em geral, consiste em um pedaço de tecido como algodão, linho ou seda, que se enrola na cabeça” (NEWMANN, 2011, p.188-189). “Nos primeiros anos do século XX, Paul Poiret lançou turbantes com calças de odalisca e túnicas de inspiração oriental, feitos de tecidos fartos com adornos exóticos [...]” (CALLAN, 2010, p. 313-314).

[...] *et, dans les cheveux, un turban de tulle [...]*' (LM, n. 84, 1907)²⁸.

2.1.4 SOBRE A VARIAÇÃO NA TERMINOLOGIA DA MODA: DA BELLE ÉPOQUE AO SÉCULO XXI

Levando em conta o que já foi dito acerca das relações entre moda e as transformações ao longo da história e traçando uma ponte com o início do século XXI, pode-se afirmar que dos quinze termos apresentados, seis continuam em uso e permanecem com a mesma definição: *Blouse, costume tailleur, écharpe, peignoir soutien-gorge, turban*.

Apesar da ideia da peça já existir há alguns séculos, o termo *soutien-gorge* aparece registrado nessa forma a partir dos anos 1900 (TLFi). Até o final do século XIX a sustentação e a modelagem dos seios era feita de baixo para cima (a exemplo do espartilho). Na virada do século, surgiu então uma nova peça que agora tinha como base apoiar essa sustentação na parte superior do corpo, feita com alças que ficariam na altura da base da garganta (*gorge*). Daí tem-se a criação do termo: *soutien* (que sustenta/sustentação) + *gorge* (garganta) (ÖRMEN; THOMASS, 2009).

Sobre os cinco termos que apresentaram mudanças ao longo do século:

– *Guimpe*: A função da guimpe do século XXI continua sendo a mesma, porém, seu formato não se dá mais na forma de pala, mas sim na de uma “blusa curta e de mangas compridas” (NEWMANN, 2011, p. 89).

– *Jupe-culotte*: Tendo feito parte de um caloroso e polêmico debate, a proposta de uma saia que imitava uma calça caiu logo em desuso. Seu retorno só ocorreu décadas mais tarde, sendo agora realmente uma calça de corte amplo que dá ideia

²⁷ “[...] a *cravate-écharpe* em veludo [...], longa como os *scarfs* em cetim preto e branco [...]” (tradução nossa).

²⁸ “[...]e, nos cabelos, um turbante de tule [...]” (tradução nossa).

de uma saia (REY, 2008). Em português é o que por vezes se chama de calça pantalon (NEWMAN, 2011).

Figura 8: *Jupe-culotte*

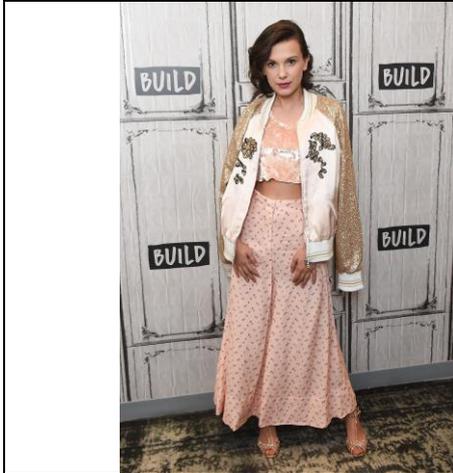


Figura 9: *Calça pantalon* contemporânea



Fonte: MARIE-CLAIRE FRANCE (2020); MARIE-CLAIRE BRASIL (2020)

– *Chemise e pantalon*: Aqui, o que ocorre não é necessariamente uma mudança na função da peça, mas sim no contexto de uso. Com a redução do número de peças íntimas pós Primeira Guerra, algumas peças foram aproveitadas, passando a fazer parte da camada externa do vestuário, caso da *chemise* (camisa) e do *pantalon* (calça)

– *Scarf*: O termo, de origem inglesa, designava um tipo específico de acessório para o pescoço. A partir de alguns catálogos de venda da época, encontrou-se a forma francesa *cache-col* (BON MARCHÉ, 1909) para esta mesma peça. Contudo, nem uma dessas formas se manteve na língua. Atualmente a forma *echarpe* é usada tanto para os acessórios que protegem adornam o pescoço, como para as peças que cobrem, ornamentam a região dos ombros (TLFi).

Bergère, cache-corset, capote e mantelet permanecem na língua, mas sem uso, visto que tais peças não compõem o guarda-roupa feminina atual. O *cache-corset* foi criado no Segundo Império (1848-1870), tendo se tornado uma das principais tendências da época (ÖRMEN; THOMASS, 2009). Contudo, com a substituição do espartilho (*corset*) pelo sutiã (*soutien-gorge*) após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tal peça caiu em desuso. O termo se mantém na língua, reportando sempre para esse momento sociedade francesa.

A *capote* e o *bergère*, como boa parte dos chapéus, também entraram em desuso no contexto pós-guerra. O termo *capote* ainda é empregado na terminologia da moda, mas agora integrando somente o grupo dos casacos (muito provavelmente resultado de um caso de polissemia).

3 PELAS TRAMAS DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Belle Époque* é considerada como a última grande festa da alta sociedade ocidental. A Primeira Guerra Mundial mudou não só o mapa da França (devolução da Alsácia-Lorena por parte da Alemanha), como também mexeu nas bases sociais e culturais tão firmemente marcadas. Segundo Boucher (2010, p. 395) “hoje é possível constatar o quanto a Grande Guerra, simbolizada na data de 1914, marcou profundamente o século e correspondeu, ao mesmo tempo, a uma evolução do vestuário: aquele do qual saiu a roupa de nossos dias”. Todavia, como se pôde notar a partir da análise dos termos da moda apresentados aqui, uma parte do se veste neste início de século XXI permanece ou tem suas raízes no vestuário desse período.

Isso porque, ao longo do século XX, a roupa feminina foi se adaptando às novas realidades, sendo um então registro das conquistas, das prioridades e dos novos papéis que as mulheres passaram a ter dentro da sociedade francesa. A presença de neologismos, como o caso de *soutien-gorge* e *jupe-culotte* (TLFi) mostram uma sociedade em constante transformação. O registro de *bergère*, *cache-corset*, *capote* e *mantelet* ajuda a entender muito do comportamento da época, dentro dessa sociedade que prezava por um corpo mais coberto, essa mulher que deveria se proteger dos perigos do mundo e que tinham nas roupas um aliado. Apesar de tais peças estarem em desuso hoje, nada as impede de retornarem com uma nova roupagem.

Ao se pautar no texto e no seu contexto de produção, a investigação em torno de unidades lexicais relativas à moda busca esclarecer algumas nuances, contando assim uma parte da sua história. Vê-se então que estudar a terminologia da moda utilizada entre 1903 e 1914 pode ser uma ferramenta útil para entender de que maneira ações pretéritas influenciaram e continuam a influenciar o momento presente, possibilitando assim um vislumbre daquilo que se espera para o futuro.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, D. S. S.; BENÇAL, D. R. (Org.). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande: 2016, p. 33-49.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BEAU, A. S. Organisation du travail et emploi des femmes dans le grand commerce : l'exemple du Grand Bazar de Lyon, 1886-1974. **Le mouvement social**. [?] : volume 4, nº217, 2006, p. 11-31. Disponível em : <https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2006-4-page-11.htm>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

BENEVOLO, Leonardo. Hausmann e o plano de Paris. In.: _____. **História Da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 91-122.

BERSTEIN, S.; MILZA, P. **Histoire de la France au XXe siècle: 1900-1930**. Paris: Perrin, 2009. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/ebooks/historia/histoire-de-la-france-au-xxe-siecle-111796347>>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

BON MARCHÉ. **Catalogue comercial** (décembre 1911-janvier 1912). Paris: [?], 1911. Disponível em : <https://bibliotheques-specialisees.paris.fr/ark:/73873/pf0001943169?posInSet=6&queryId=64bf0ca7-bd7c-4029-811c-dc3af5f1deae>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

BOUCHER, F. **História do vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BOUVEROT, D. Le vocabulaire de la mode. In: ANTOINE, Gérard; MARTIN, Robert (Org.). **Histoire de la langue française: 1800-1914**. Paris: CNRS, 1999, p. 193-206. Disponível em: <https://books.openedition.org/editions-cnrs/9265>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

BRUNEAU, C. Le XXe siècle. In: **Petite histoire de la langue française: de la Révolution à nos jours**. Paris, Armand Colin, 1970, p. 283-373.

CABRÉ, Maria Teresa. A Terminologia, uma disciplina em evolução: passado, presente e alguns elementos de futuro. **Debate Terminológico**, Porto Alegre, n.1, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21286/12263> . Acesso em 02 de agosto de 2020.

CALANCA, D. **História social da moda**. São Paulo: SENAC, 2011.

CALÇA PANTALONA. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2019/07/como-o-street-style-tem-usado-pantalona-e-opcoes-para-adquirir-sua.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

CALLAN, G. O. **Enciclopédia da moda**. Tradução de Glória Maria de Carvalho e Maria Ignez França. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CAPOTE. Disponível em : <http://www.museeduchapeau.com/index/notice/90.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

CHANEY, D. Le grand magasin comme forme culturelle. **Reseau** : communication, technologie et société. [?]: volume 14, n. 80, 1996, p. 81-96. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1996_num_14_80_3802. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

DUBY, G; PERROT, M. **Historia de las mujeres** : el siglo XIX. Tradução Marco Aurelio Galmarini. Barcelona: Peguin Random House, 2018 [1993].

DURY, P. Que montre l'étude de la variation d'une terminologie dans le temps. Quelques pistes de réflexion appliquées au domaine médical. **Debate Terminológico**, Porto Alegre, n. 9, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/37168/24030>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

FEMINA. Paris: [?], 1911, n. 243. Quinzenal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5505677c.item>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

FEMINA. Paris: [?], 1912, n. 268. Quinzenal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61320019.item> Acesso em: 30 de novembro de 2018.

FEMINA. Paris: [?], 1914, n. 322. Quinzenal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6556565q.item>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

FINATTO, M. J. B.; KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. Terminografia das leis do meio ambiente: princípios teóricos-metodológicos. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade UFRGS/Humanitas, 2001, p. 317-335.

FINATTO, M. J. B.; KRIEGER, M. G.. **Introdução a Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. Apresentação. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001, p. 9-11, v.1.

JUPE-CULOTTE. Disponível em: <https://www.marieclaire.fr/photo/807964/2989340/la-jupe-culotte-baroque>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

KRIEGER, M. G.. A heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L. (Org.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2013, p. 23-43.

LAPORTE, M.; WAQUET, D. La mode en action: le cas exemplaire de la France. In: _____. **La mode**. Paris: Presses Universitaires Françaises, 2014, capítulo 4, p. 1-28. Disponível em: <https://www3.livrariacultura.com.br/la-mode-2010751508/p>. Acesso em: 02 de abril de 2020.

LAVER, J. **A roupa e moda: uma história concisa**. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1989].

LE BOM MARCHÉ. **Catalogue comercial** (décembre 1909- janvier 1910). Paris: [?], 1909. Disponível em : <https://bibliotheques-specialisees.paris.fr/ark:/73873/pf0001309321/v0001.simple.selectedTab=thumbnail>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

LE FIGARO-MODES. Paris: [?], 1903, n. 6. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6558723p.item>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LE FIGARO-MODES. Paris: [?], 1903, n. 9. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6558726x.item>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LE FIGARO-MODES. Paris: [?], 1904, n. 18. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65608818/f1.item>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LES MODES. Paris: [?], 1906 n. 64. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6538684g?rk=107296;4>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LES MODES. Paris: [?], 1907 n. 84. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5807424w?rk=107296;4>. Acesso em: 30 de novembro de 2018

LES MODES. Paris: [?], 1908 n. 87. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57259019?rk=257512;0>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LES MODES. Paris : [?], 1909, n. 102. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57259976?rk=214593;2>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LES MODES. Paris : [?], 1910, n. 114. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57259442?rk=42918;4>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

LES MODES. Paris: [?], 1910 n. 120. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5725996s?rk=128756;0>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

MARTELOTTA, M. E. A natureza dinâmica das línguas. *In*: _____. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 27-54.

MENDES, V.; HAYE, A. **A moda do século XX**. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MUSÉE DES CHAPEAUX. Disponível em: <http://www.museeduchapeau.com/index/notice/90.html>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

NEWMANN, A. **Moda de A a Z**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Publifolha, 2011.



ÖRMEN, C.; THOMASS, C. **Histoire de la lingerie**. Paris: Perrin, 2009.

REY, A. **Le Robert micro** : dictionnaire de la langue française. Paris : éditions Le Robert, 2008.

ROCHE, D. **A cultura das aparências: uma história da indumentária** (séculos XVII-XVIII). Tradução Assef Kfourri. São Paulo: SENAC, 2007.

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ (TLFi). Nancy, CNRS, ATILF (Analyse et traitement informatique de la langue française), 2020[1971-1994]. Disponível em : <http://atilf.atilf.fr/>

VIALA, A. **Une histoire brève de la littérature française: de la révolution à la Belle Époque**. Paris: Presses Universitaires Françaises, 2017.

WINOCK, M. **La Belle Époque: La France de 1900 a 1914**. Paris: Editions Perrin, 2003. Disponível em: <https://www3.livrariacultura.com.br/la-belle-epoque-111405623/p> . Acesso em: 03 de abril de 2020.

WOODCOCK, P. Terminologia da moda. In: ANGUS, E.; BAUDIS, M.; WOODCOCK, P. **Dicionário de moda**. Tradução Gabriela Erbeta, Júlia Debasse e Júlia Gouveia. São Paulo: Publifolha, 2015, p. 8-39.



Título em inglês:
**LEXICON, SOCIETY AND FASHION TERMS ON FRENCH BELLE
ÉPOQUE**

INVENTÁRIO